

Natália Correia

Maria Teresa Horta
ESCRITORA

Era uma força da natureza.
Formada no desassombro.
Na desmesura.

Pronta a aceitar os desafios, no confronto com o interdito. Instigada pela vontade que nela morava de ir sempre mais longe: Na escrita, no seu dia a dia, no amor, através dos quais se excedia, crescia; revolvida-envolvida, exigindo estar ao leme do processo de construção do prazer, do êxtase.

Expostos.

Voluntariamente expondo-se. Com uma alegria libertina, que chegava a tocar a inocência perdida. De menina, a guardá-la cuidadosamente por dentro do avesso do peito, numa intensa e permanente busca da figura materna. Relação fusional que ambigualmente se aceita e se recusa, acabando por ser ao seu ventre que se irá buscar a maior ousadia. Como quem procura Eurídice nas trevas da morte.

Intocável?

«Indemne atravessei as labaredas
porque o Amor faz a Obra
e o fogo faz o Amor»

O Amor e a Obra em Natália indissociáveis, porque dependiam em permanência um do outro. «Nada se faz sem o corpo do amor » – disse-me várias vezes, sendo esta uma das muitas coisas que aprendi com ela. Assim como o destemido envolvimento com tudo e todos que estavam à sua roda. Gesto largo e generoso, palavra acesa ou justa, sem jamais queimar as asas dos versos ou temer a desgraça. Deixando-se ir/partir, seguindo o sinal pela tecitura da alma de cada poema, em torno da chama, da identidade feminina.

«Nós somos mais: somos mulheres»- ensinou-me, acrescentando, «minha filha», como fazia quando falávamos durante horas, hábito ganho desde a altura em que nos conhecemos num final de tarde na sede da «Associação Portuguesa dos Escritores», como se chamava a agora SPA, antes de ser destruída pelos Jovens Portugal, que então não deixaram pedra sobre pedra.

A Natália encontrava-se sentada numa grande cadeira de braços, costas e assento forrados a veludo verde pimenta. Vestia um vestido preto que lhe sublinhava os redondos joelhos muito brancos, e entre os dedos, lá estava a sua longa boquilha incendiária; provocadora no contrariar dos costumes que, castradores e pesados caíam, aniquiladores, sobre a vida das mulheres portuguesas da época.

Empurrada pelo David Mourão-Ferreira e pelo José Cardoso Pires, divertidos no adivinhar da reacção da Natália Correia quando me fosse apresentada, entrei nervosa na sala, tentando disfarçar a insegurança sentida. Tinha eu pouco mais de dezoito anos e ela quase quarenta: opulenta e ainda belíssima.

Via-a fitar-me com curiosidade amistosa e alegre. Saudando-me depois alto com voz de riso aberto: «Até que enfim uma mulher nova na nossa escrita, seja bem vinda Teresa!» – Continuo sem saber se o silêncio que à nossa roda se fez ouvir, era de decepção ou de alívio. Mas uma certeza me ficou de manso posta em ganho de confiança, no que dizia respeito à irmandade inquebrantável, elo que nos passou a ligar. Mesmo quando discordávamos, divididas : ela na defesa da matéria e eu do feminismo, apesar de sabermos estar a falar da mesmíssima coisa.

Consciência de identidade feminina, quer no tomar da escrita, quer no assumir dos sentidos. Perseverança diária a fazer a diferença. A nossa diferença. Presente no orgulho de nos entendermos enquanto poetizas e não apenas enquanto poetas. – «Não mudámos de sexo, Teresa, não mudámos de sexo! Lembre-se sempre disto!»- sublinhava.

Sim, lembro-me disso.

Lembro-me dela.

Da Natália.

Com todo o seu excesso. Com todo o seu fogo. Mulher desmedida que usava o talento, o coração e a inteligência, nunca esquecendo nem escamoteando a sexualidade e o corpo, desse modo enfrentando-combatendo a hipocrisia portuguesa com uma ousadia absoluta, pela qual pagou caro.

Os últimos tempos da sua vida foram de um cruel isolamento. Escutei-a revoltar-se contra isso, com mágoa no acento rebelde da voz. Mas sem se arrepende de nada.

Exemplar, numa enorme rebeldia sem idade:

«De hora negra me enrola a crespa vaga
E atira a endereços desumanos
O dia em que eu nasci por aziaga
Ordem de um 13 que sangra entre os arcanos.»

A sua força era enorme e portuguesa.

De mulher muito jovem e ardente, até ao fim. No verso dúctil ou vibrante ou bravio, deixando como testamento a todos nós, o seu canto envenenado de sereia, inclinando a cabeça para trás, como muitas vezes fazia.

Seduzindo, ao mostrar o caule do pescoço:

«Mordeis-me a cauda do fato de sereia?
Que importa! Eu vou no voo do condor.
Escureceis-me o verso onde clareia
A estrela que me deu um trovador?

Que importa! Eu vou no vento. A lua cheia
Dos meus cantos está no seu fulgor.»

